

GÊNERO (S), SEXUALIDADE(S) E EDUCAÇÃO: DESAFIOS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES/AS

Ana Paula da Silva Santos¹

RESUMO

O presente estudo buscou analisar a influência de uma disciplina curricular denominada *Educação, sexualidade e gênero* no âmbito do curso de Pedagogia de uma universidade privada situada na região da baixada fluminense, periferia do estado do Rio de Janeiro. Mesmo que o debate em torno das questões relacionadas à gênero e sexualidade vem, cada vez mais, sendo impactado por um cenário educacional, político, social e cultural não apresente uma atmosfera propícia para tais discussões. Como fundamentação teórica, a pesquisa está baseada nos estudos de Guacira Lopes Louro, Joan Scott, Roney Polato de Castro, entre outros/as. Dentro de uma abordagem qualitativa, onde através da aplicação de questionários e anotações no diário de campo, constatou-se que a disciplina contribuiu para ampliar a visão dos/as alunos/as acerca do debate sobre sexualidade e gênero na escola. Os dados produzidos mostraram a necessidade da problematização de tais questões na formação inicial de professores/as e a construção de práticas pedagógicas imbuídas pelo olhar sensível às diferenças. Defendemos que questionar, desnaturalizar e desestabilizar as construções de sexualidade e gênero na sociedade constituem um passo fundamental para relações mais democráticas, justas e igualitárias.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidades; Formação docente; Práticas pedagógicas.

1 Professora da UNESA, UFRJ e SME Duque de Caxias. Doutora em Educação pela PUC-Rio – apss.sol@gmail.com

INTRODUÇÃO

A discussão sobre as questões de gênero e sexualidade na escola e na formação de professores/as tem se tornado cada vez mais urgente e necessária, uma vez que percebemos o aumento de discursos de ódio que, segundo Miskolci (2018), se justificam por uma certa “proteção à família brasileira” desencadeando a produção de preconceitos e discriminações ligados às questões de gênero, sexualidade, raça, religião entre outras.

Neste estudo, partimos da conceituação de gênero que segundo Scott (1995, p.72) é definido como “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. Deste modo, comportamentos, atitudes ou traços da personalidade são construídos em uma dada cultura e em um determinado momento histórico.

Nessa perspectiva, reconhecemos que apesar dos avanços em relação às políticas educacionais preocupadas com a diversidade de gênero e sexualidade no âmbito educacional (BORTOLINI, 2015), atualmente, contamos com um crescimento de grupos políticos religiosos que se utilizam da dimensão do currículo escolar como uma alternativa para multiplicar suas ideologias ultraconservadoras criminalizando o debate em relação às questões de gênero e sexualidade. Como exemplo, podemos destacar a retirada de qualquer menção à palavra gênero tanto do Plano Nacional de Educação (PNE) quanto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

É importante ressaltar que a eliminação dos termos gênero e orientação sexual do PNE e da BNCC não impedem as possibilidades de abordagem destas temáticas por professores/as pois, dentre outras questões, tais termos ainda constam nos parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) que, apesar de não serem documentos recentes, ainda continuam em vigor (SOARES E MONTEIRO, 2019).

Com relação à formação docente, Castro (2015) afirma que o debate sobre as questões de gênero e sexualidades são instigantes e necessárias no âmbito da universidade, na medida em que leva em consideração a multiplicidade e ampliação de formas de viver os gêneros e as sexualidades, mesmo levando em conta todas as incertezas, instabilidades e tensões provocadas pela problematização do tema.

Assim, este estudo buscou problematizar as práticas desenvolvidas em uma disciplina curricular denominada *Educação, sexualidade e gênero* no âmbito do curso de Pedagogia de uma universidade privada situada na região da baixada fluminense, periferia do estado do Rio de Janeiro, destacando as percepções de

professoras em formação acerca das questões de gênero e sexualidade a partir de experiências pedagógicas vivenciadas ao longo de um semestre letivo.

Em relação à metodologia adotada, partimos de uma abordagem qualitativa, onde através da aplicação de questionários e anotações no diário de campo buscamos perceber as diferentes visões iniciais das estudantes acerca das questões de gênero e sexualidades e em que medida, ao longo do semestre, tais visões foram interrogadas, ampliadas, ressignificadas, escrutinadas ou até mesmo ratificadas.

Diante do exposto, este estudo se organiza da seguinte forma: inicialmente problematiza o conceito de gênero e as relações com a escola, em seguida discute a importância da formação inicial de professores/as em uma perspectiva que se alinhe com as questões de gênero e sexualidade, analisando alguns dados produzidos a partir da experiência de uma disciplina intitulada *Gênero, sexualidade e Educação* em uma Universidade privada, situada na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Por fim, tece as considerações finais.

GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR

Diversos estudos vem indicando como as questões de gênero e sexualidade ainda não são discutidas e incorporadas por muitas escolas como campo de conhecimento e, além disso, como parte da construção de uma sociedade democrática, justa e igualitária.

É importante destacar que depois de um período de muita valorização da temática de gênero e sexualidade nas escolas e na formação de professores/as vivemos, nos últimos anos, um certo “pânico moral” envolvendo tal debate, impulsionado pela ação de grupos políticos e religiosos conservadores que ao divulgarem uma oposição ao ensino de uma suposta ideologia de gênero, propagaram ideias equivocadas que criminalizaram o debate no âmbito educacional (BORTOLINE, 2015).

Neste contexto, a urgência e necessidade do debate se torna cada vez maior, uma vez que, ao impedir intervenções pedagógicas na perspectiva de gênero e sexualidade, reforça-se preconceitos, discriminações e diferenciações que tem como consequência as desigualdades entre as pessoas.

Para seguirmos em direção a uma retomada e reforço destas questões é imprescindível adotarmos uma postura política, mas também epistemológica tanto nas escolas, quanto na formação inicial e continuada de professores/as.

Assim, consideramos que em um primeiro momento é importante entender o conceito de gênero e porque se faz tão necessária a sua problematização na

escola, lugar este que precisa reconhecer a pluralidade e diversidade de sujeitos e culturas que o adentram e, além disso, possibilitar um diálogo intercultural que seja orientado na afirmação e valorização das diferenças.

O termo “gênero” é utilizado para indicar as construções culturais que envolvem as relações entre homens e mulheres, ou seja, a criação eminentemente social das ideias que estabelecem papéis sociais para homens e mulheres em uma determinada cultura e tempo histórico (SCOTT, 1995).

Para Louro (1997) o conceito de gênero é fundamental para a compreensão do lugar e das relações entre homens e mulheres numa determinada sociedade e, para além disso, que importa observar tudo o que socialmente se construiu com base no sexo. Para a autora, é necessário entender que não são especificamente as características sexuais que vão constituir o masculino ou o feminino, mas a forma como essas características são valorizadas ou representadas, pensadas ou ditas em uma determinada sociedade e em um certo momento histórico.

Neste sentido, reconhecemos gênero como uma ferramenta política e analítica fundamental para compreender as desigualdades e distinções na medida em que é no “âmbito das relações que se constroem os gêneros” (LOURO, 1997, p.22). Deste modo as justificativas para as desigualdades precisam estar pautadas nos arranjos sociais, nas representações nos diversos espaços, ao longo da história e não nas características biológicas de homens e mulheres.

Louro (1997) ainda afirma que ao entender gênero como caráter social do masculino e feminino, implica em considerar que essas construções são plurais e pertinentes às distintas sociedades e momentos históricos, afastando, por exemplo, noções essencialistas sobre os gêneros, ou seja, os gêneros se constroem em meio às relações sociais. É um processo e não algo pré-existente. A autora pontua que “as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou nos momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 1997, p. 23).

Para Meyer (2003) o conceito de gênero enfatiza a pluralidade e os conflitos que atravessam os processos pelos quais as culturas constroem e distinguem os corpos e sujeitos femininos e masculinos, ou seja, diversas formas de viver as feminilidades e masculinidades que, muitas vezes, quando confrontadas com formas padronizadas e engessadas de ser mulher e ser homem em nossa sociedade, podem gerar desconforto e desconfiança em relação a esses sujeitos “desviantes”.

Dentre as instituições sociais, a escola tem uma função importante em relação à construção das identidades de gêneros de seus/suas estudantes: conformar as masculinidades e feminilidades segundo um padrão que distingue de forma

explícita papéis socialmente e culturalmente determinado para homens e mulheres e, além disso, reproduzir e produzir cotidianamente preconceitos relacionados ao gênero e sexualidade: sexismo, machismo, misoginia, LGBTQIA+fobia entre outros.

Para Louro (1997) a escola produz as diferenças entre os sujeitos na dimensão do gênero e sexualidade através das mais diversas estratégias: “Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, loci das diferenças de gênero. Sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores” (LOURO, 1997, p. 64).

Segundo a autora citada, todas essas dimensões precisam ser colocadas em xeque, não só focalizando o que ensinamos, mas como ensinamos e que sentidos os/as estudantes atribuem ao que aprendem. Caso contrário, perpetuamos cada vez mais estereótipos relacionados a gênero e sexualidade delimitando espaços, comportamentos, atitudes, práticas e discursos próprios conforme a normatização de uma sociedade marcada pelo machismo, misoginia e LGBTQIA+fobia.

Mesmo compreendendo a existência de variadas formas de se viver os gêneros e a sexualidade, a escola vem, muitas vezes de forma sutil e silenciada, orientando suas práticas a partir de um único modelo “adequado” de masculinidade e feminilidade e uma única forma “saudável” de viver a sexualidade (heterossexualidade), como se essas questões garantissem e legitimassem a educação dos corpos ali presentes.

Nesse sentido, a escola precisa ser um espaço de problematização e questionamento das normatizações de gênero de modo a construir formas “outras” de pensar os gêneros e as sexualidades, garantindo que todas as identidades sejam reconhecidas, respeitadas e valorizadas independente da forma como são constituídas em relação à gênero, sexualidade, raça, classe etc.

Concordamos com Louro (2003, p. 51) quando afirma que “precisamos, enfim, nos voltar para práticas que desestabilizem e desconstruam a naturalidade, a universalidade e a unidade do centro e que reafirmem o caráter construído, movente e plural de todas as posições”

A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES/AS: AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM FOCO

Em um estudo sobre formação docente, gênero e sexualidade, Castro (2015) reconhece que os currículos de formação inicial docente são marcados por uma tensão. Desde discussões potentes até silenciamentos e invisibilidades, vem

produzindo e veiculando discursos que, de alguma maneira, formam docentes que atuarão nas escolas brasileiras.

Estes sujeitos produzem e compartilham os significados construídos em torno das experiências de gênero e sexualidade. Assim, há a necessidade da formação docente se ocupa destas discussões, no sentido de pensarmos em práticas pedagógicas que problematizem as questões de gênero e sexualidade, tanto na universidade, quanto no âmbito escolar.

Ao longo do primeiro semestre de 2019 vivenciamos 15 aulas. Destas, 10 aulas ocorreram em formato de oficinas, rodas de conversas e debates, 2 aulas para aplicação de questionários e 3 aulas foram dedicadas às provas com datas pré-definidas pela instituição. Além da aplicação de dois questionários, um realizado no primeiro encontro e outro realizado no último encontro, recorreremos também às anotações no diário de campo.

A turma, constituída por 27 estudantes, sendo 26 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, na faixa etária de 18 a 50 anos, tinha como característica marcadores identitários de gênero, orientação sexual, raça, classe, geração e religião que, de alguma forma, impactavam as experiências vivenciadas ao longo do período.

Inicialmente, ao perguntarmos sobre os conceitos de sexo, gênero e sexualidade, percebemos algumas dificuldades no entendimento e distinção de cada termo: Para a aluna A o conceito de sexo tinha a ver com a questão da “gramática do masculino e feminino”, gênero se relacionava com “Homem e mulher” e orientação sexual “compete a família esta função de orientar ou ensinar”. Já a aluna B destacou a sua dificuldade com os termos: “acho bem parecido com gênero. Confesso que não consigo distinguir”. A mesma aluna entendia gênero como “uma classificação pré-definida pela sociedade” e orientação sexual “vem do que a pessoa deseja com a relação sexual (héteros e LGBT)”.

Analisando estas respostas, podemos identificar a proximidade como são tratados os conceitos “sexo” e “gênero”, a essencialização das categorias com predomínio de uma visão biologicista e valores morais subjacentes a percepção do conceito de orientação sexual. Para Jesus (2012, p. 7) “crescemos sendo ensinados que ‘homens são assim e mulheres são assados’, porque é da ‘natureza’, e costumamos realmente observar isso na natureza”. A autora destaca que as diferenças percebidas entre homens e mulheres são construídas socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a adotarem comportamentos e atitudes “adequados” para cada gênero.

Ao longo da disciplina pudemos problematizar e refletir sobre essas e outras questões a partir de rodas de conversas, oficinas e debates ressignificando

alguns conceitos e ampliando nossas visões acerca das questões de gênero e sexualidades.

Ao final do período o segundo questionário foi respondido, onde percebemos deslocamentos em relação aos conceitos de sexo, gênero e orientação sexual que, em certa medida, subverteram visões biologizantes e pautadas em um discurso religioso e moral.

Em relação às contribuições da disciplina para a formação inicial, as alunas A e B puderam destacar suas percepções:

“Contribuiu para eu estudar o assunto e pesquisar com afinco. O tema vem de encontro com os problemas de discriminações e violência que muitas pessoas sofrem, como exemplo a homofobia” (aluna A).

“Refletiu em minha prática. Me tornei uma docente mais comprometida nas questões de gênero e compreendi a importância do olhar sensível para que os alunos possam ser agentes críticos e reflexivos e não reprodutores das desigualdades de gênero” (aluna B).

Neste sentido, verificamos a importância e o impacto da disciplina na formação docente, no que diz respeito às questões de gênero e sexualidades.

Os dados produzidos mostraram a necessidade da problematização de tais questões na formação inicial de professores/as e a construção de práticas pedagógicas imbuídas pelo olhar sensível às diferenças.

Mesmo diante de um cenário difícil e desafiador, reconhecemos a urgência da valorização do debate e reflexão sobre a construção dos gêneros e sexualidades e o modo como operam em uma sociedade marcada pelo preconceito e discriminação destas e de outras tantas diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou perceber as diferentes visões iniciais das estudantes acerca das questões de gênero e sexualidades e em que medida, ao longo do semestre, tais visões foram transformadas. Deste modo, reconhecemos alguns deslocamentos em relação ao conceito de gênero e sexualidade, bem como outras questões que atravessam o debate.

Sem ter a pretensão que os/as professores/as em formação em sua totalidade iriam transformar suas concepções em relação à compreensão sobre a pluralidade de gêneros e sexualidades, entendemos que a discussão deve permeiar toda a formação inicial impregnando currículos, conhecimentos, saberes e práticas no sentido de sensibilizar os/as futuros/as professores/as a lidarem

positivamente com as diferentes possibilidades de masculinidades e feminilidades, desconstruindo e desnaturalizando preconceitos e discriminações.

Ao longo do semestre e a partir da aplicação de questionários e anotações no diário de campo, constatou-se que a disciplina contribuiu para ampliar a visão dos/as alunos/as acerca do debate sobre sexualidade e gênero na escola.

Por fim, defendemos que questionar, desnaturalizar e desestabilizar as construções de sexualidade e gênero na sociedade constituem um passo fundamental para relações mais democráticas, justas e igualitárias.

REFERÊNCIAS

BORTOLINI, Alexandre. O sujeito homossexual como tema de aula: limites e oportunidades didáticas. **Cadernos Pagu**, n. 45, julho-dezembro de 2015, p.479-501.

CASTRO, Roney Polato de. **Formação docente para as relações de gênero e sexualidades: problematizando a heteronormatividade no Ensino Superior. Revista Periódicus**, 2ª edição, novembro 2014 - abril 2015, p.1-14.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L; NECKEL, J. F; GOELLNER, S.V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade – Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003b, cap. 3, p. 41-52.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L; NECKEL, J. F; GOELLNER, S.V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade – Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, cap. 1, p. 9-27.

MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018, p. 01-14.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, janeiro – fevereiro de 2019, p. 287-305.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.20, n.2, julho-dezembro de 1995, p. 71-99.